

O CAPITAL SE FAZ EM CASA

Luiz Carlos Bresser Pereira

Japão: O Capital Se Faz Em Casa. Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991.
Reedição atualizada de livro publicado em 1974 pela mesma editora. 238 páginas.

A Editora Paz e Terra teve a boa idéia de reeditar *Japão: o capital se faz em casa*, o notável livro sobre o Japão que Alexandre Barbosa Lima Sobrinho escreveu no início dos anos 70, quando despontava o milagre japonês. O decano dos nossos grandes intelectuais-políticos, hoje com 95 anos, mas intensamente ativo no *Jornal do Brasil* e na presidência da ABI, escreveu para esta nova edição um décimo-nono capítulo, "Para valer de conclusão". Li a primeira edição do livro e sobre ele escrevi uma longa resenha ("O Modelo Japonês segundo Barbosa Lima Sobrinho", *Revista de Administração de Empresas*, maio 1975). Como se trata de um livro histórico, que traça o desenvolvimento do Japão desde o momento em que a frota americana do Comodoro Perry, em março de 1854, obrigou o Japão a abrir suas portas ao mercado do Ocidente, não perdeu em nada seu interesse. A conclusão serviu para atualizá-lo até 1991 e a para que o autor pudesse, em seu estilo claro e elegante, reafirmar as teses que o orientaram quando escreveu originalmente o livro.

A tese central de Barbosa Lima Sobrinho está no próprio título do livro: "o capital se faz em casa", ou seja, o desenvolvimento depende basicamente do esforço interno de poupança e acumulação. Não é com capital estrangeiro que se promove o desenvolvimento, mas com capital nacional. A poupança estrangeira pode desempenhar um papel, mas sempre secundário. Para Barbosa Lima, extremamente secundário.

Ora, para substanciar essa tese nada melhor do que o Japão. Os países que se desenvolveram inicialmente, como os a Inglaterra, os Estados Unidos e a França, naturalmente o fizeram a partir de seu próprio capital. Já entre os países de desenvolvimento tardio, se algum se desenvolveu fundamentalmente baseado

na acumulação interna, esse país foi o Japão. O capital se fez em casa, no Japão, segundo o autor, a partir de algumas estratégias básicas: o nacionalismo e o espírito de poupança do povo, a ênfase absoluta dada à educação, o papel fundamental desempenhado pelo Estado, particularmente pelo Ministério da Indústria e do Comércio Externo, o célebre MITI. Da mesma forma pela qual Barbosa Lima descreve com vigor o ressentimento japonês diante de duas derrotas perante os Estados Unidos - a abertura dos portos e a rendição na Segunda Guerra Mundial - a alimentar o nacionalismo e o espírito de poupança japonês, ele descreve também as estratégias e táticas de proteção ativa à indústria nacional e ao desenvolvimento tecnológico adotadas pelo MITI.

Barbosa Lima Sobrinho, em trabalhos anteriores, definiu o nacionalismo como uma atitude "anti". Talvez o que falta ao seu livro é ter examinado quando essa atitude "anti" deixou de ser dominante no Japão. Quando o Japão deixou de se pautar pelo nacionalismo estrito senso, baseado na preocupação "anti" de se proteger da exploração estrangeira - atitude típica dos estágios iniciais do desenvolvimento - e passou a se basear no nacionalismo em sentido amplo, baseado na concepção do "interesse nacional". Enquanto o nacionalismo anti está baseado em uma atitude genérica de medo ou desconfiança em relação ao estrangeiro, o nacionalismo baseado no interesse nacional orienta a política externa de todos os países desenvolvidos. Não há medo do exterior, não há a idéia de que estejamos rodeados de potências imperialistas agressivas. Mas não há também a crença internacionalista de que estamos rodeados de países cheios de boa vontade. Há, sim, a disposição de negociar. Caso a caso. A partir da confiança na própria capacidade de negociação. O Japão certamente já realizou essa transição. O Brasil a está realizando atualmente.

Esta transição, entretanto, não se realiza sem traumas. Por isso a publicação deste livro é extremamente oportuna. No momento o nacionalismo é culpado por todos os males do Brasil, e não se percebe que uma coisa é criticar o nacionalismo anti, outra muito diferente abandonar o nacionalismo em geral, aquele baseado na afirmação do interesse nacional. Nenhum país desenvolvido, e muito menos o Japão deixaram de ter como critério básico de sua ação o interesse nacional. Nenhum deles, portanto, deixou de ser nacionalista. Em relação ao Japão isto fica absolutamente claro e documentado no livro de Barbosa Lima Sobrinho.

